

AS HQ'S NA ALFABETIZAÇÃO

Márcia Antônia Dias Catunda

Universidade Estadual do Ceará (UECE)

catundamarcia@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho tenciona discutir as estratégias que as crianças em processo de alfabetização utilizam para compreender as Histórias em Quadrinhos. Com isso, também busca analisar métodos e técnicas didáticas para auxiliar professores e pedagogos na alfabetização infantil. Esse trabalho mostra como e por que fazer uso dessas ferramentas em sala de aula e os efeitos de se trabalhar com quadrinhos ou outros gêneros que contenham imagens. Os principais assuntos abordados são estratégias de leitura, quadrinhos, imagens, alfabetização e letramento, com estudo de caso feito com uma criança em fase de alfabetização.

PALAVRAS-CHAVE: Quadrinhos; Alfabetização; Letramento; Imagens.

ABSTRACT: The present work aims to show the strategies that literacy children use to understand the Comics. It also seeks to analyze key reading strategies for teachers and pedagogues to succeed in education for children. This work shows how and why to use these tools in the classroom and the effects of working with comics or other genres that contain images. The main subjects are reading strategies, comics, images, literacy and literacy, with a case study done with a child in the literacy phase.

KEYWORDS: Comics; Literacy; Literature; Images.

INTRODUÇÃO

Mais do que uma opção de lazer e entretenimento, as histórias em quadrinhos atualmente são consideradas grandes meios de comunicação de massa, sendo utilizadas por pessoas de todas as idades, não somente por crianças. Os profissionais de Educação descobriram nas HQ's uma ótima ferramenta didática para auxiliar no aprendizado e incentivar a leitura. Isso será discutido com mais aprofundamento nas próximas páginas desse trabalho.

O espaço adquirido pelas HQ's hoje não corresponde ao mesmo de anos anteriores. Antigamente as histórias em quadrinhos eram vistas até com preconceito como explicam os pesquisadores Vergueiro e Ramos (2009, p. 9). “As histórias em quadrinhos gradativamente passavam a ser entendidas pela sociedade não mais como uma leitura exclusiva de crianças, mas sim, como uma forma de entretenimento e transmissão de saber que podia atingir diversos públicos e faixas etárias. Por outro, paulatinamente deixavam de ser vistas de forma pejorativa ou preconceituosa, inclusive nas áreas pedagógica e acadêmica”. (VERGUEIRO, RAMOS, 2009, p. 9). Os autores apontam também que as revistas em quadrinhos eram tidas como material que geravam “preguiça mental” nos estudantes e que afastavam os alunos da chamada “boa leitura”.

É cada vez mais comum os professores fazerem uso de histórias em quadrinhos dentro de sala de aula facilitar o aprendizado e deixar o conteúdo mais atrativo aos alunos. Vergueiro (2004), aponta alguns motivos pelos quais os quadrinhos auxiliam no ensino:

- Os estudantes querem ler os quadrinhos
- Palavras e imagens, juntos, ensinam de forma mais eficiente
- Existe um alto nível de informação nos quadrinhos
- As possibilidades de comunicação são enriquecidas pela familiaridade com as histórias em quadrinhos
- Os quadrinhos auxiliam no desenvolvimento do hábito de leitura
- Os quadrinhos enriquecem o vocabulário dos estudantes
- O caráter elíptico da linguagem quadrinhística obriga o leitor a pensar e imaginar
- Os quadrinhos têm um caráter globalizador
- Os quadrinhos podem ser utilizados em qualquer nível escolar e com qualquer tema

O uso de quadrinhos em sala de aula fica mais a critério do professor, de acordo com seus objetivos didáticos, não há regras específicas para fazer uso dessa metodologia como explica Vergueiro:

No caso dos quadrinhos, pode-se dizer que o único limite para seu bom aproveitamento em qualquer sala de aula é a criatividade do professor e sua capacidade de bem utilizá-los para atingir seus objetivos de ensino. Eles tanto podem ser utilizados para introduzir um tema que será depois desenvolvido por outros meios, para aprofundar um conceito já apresentado, para gerar uma discussão a respeito de um assunto, para ilustrar uma idéia, como uma forma lúdica para tratamento de um tema árido ou como contraposição ao enfoque dado por outro meio de comunicação. Em cada um desses casos, caberá ao professor, quando do planejamento e desenvolvimento de atividades na escola, em qualquer disciplina, estabelecer a estratégia mais adequada às suas necessidades e às características de faixa etária, nível de conhecimento e capacidade de compreensão de seus alunos. (VERGUEIRO, 2004, p. 26)

Ainda de acordo com o pesquisador, a aplicação das histórias em quadrinhos deverá se adaptar ao cronograma do curso, sendo utilizadas na sequência normal das atividades e sem qualquer destaque em relação a outras linguagens ou alternativas didáticas. A utilização da leitura de gibis como um momento de relaxamento para os alunos, uma espécie de descanso no uso de materiais mais nobres, pode atingir resultados exatamente opostos aos pretendidos. Ou seja: a aula não deve parar quando da introdução da leitura de quadrinhos, como se também o professor estivesse necessitando de um descanso na sua árdua tarefa de ensino. Além disso, é importante que o professor saiba selecionar o material que vai ser utilizado em sala de aula, devendo levar em consideração os objetivos educacionais que se deseja alcançar e que o educador tenha familiaridade suficiente com o meio, conhecendo os principais elementos da sua linguagem e os recursos que ela dispõe para representação do imaginário; domine razoavelmente o processo de evolução histórica dos quadrinhos, seus principais representantes e características como meio de comunicação de massa.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Foi realizado um estudo de caso com uma criança de 5 anos, do sexo masculino, estudante de escola particular, cursando o infantil V. O objetivo é verificar quais estratégias uma criança que ainda não sabe ler adota para a leitura de uma história em quadrinho. Para realizar esse estudo foi realizada

uma entrevista do tipo semiestruturada com a criança. De acordo com Goode e Hatt (1979, p.422), o estudo de caso é um meio de organizar os dados, preservando do objeto estudado o seu caráter unitário. Considera a unidade como um todo, incluindo o seu desenvolvimento (pessoa, família, conjunto de relações ou processos etc.). Vale, no entanto, lembrar que a totalidade de qualquer objeto é uma construção mental, pois concretamente não há limites, se não forem relacionados com o objeto de estudo da pesquisa no contexto em que será investigada. Portanto, por meio do estudo do caso o que se pretende é investigar, como uma unidade, as características importantes para o objeto de estudo da pesquisa.

Como a criança que é o objeto de estudo não domina a leitura, foram feitas perguntas sobre cada quadrinho da historinha de 3 páginas. A criança sentou à mesa, fez uma leitura visual e perguntamos o que ela entendeu de cada quadrinho para que assim facilitasse ela chegar a uma conclusão sobre a historinha, mesmo que não a compreendesse de forma completa.

Os dados obtidos com essa experiência serão divididos em três fases: antes, durante e após a leitura. Serafim abut Eisner (1991) afirma que a análise dos dados feita de forma qualitativa e quantitativa permite que o pesquisador, dentre outras vantagens, interprete qual o significado de uma situação para os sujeitos da pesquisa e veja as particularidades de cada contexto. Por isso, a análise dos dados dessa pesquisa também foram qualitativos e quantitativos.

Foi realizada uma pesquisa com observação participante, que segundo Marconi (2007), “é uma pesquisa que consiste na participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo. Ele se incorpora ao grupo, confunde-se com ele. Fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais deste”. (MARCONI, 2007, p. 91). Ainda segundo a autora, o objetivo inicial é ganhar a confiança do grupo (nesse caso, da criança), fazer os indivíduos compreenderem a importância da investigação, sem ocultar o seu objetivo ou sua missão, mas, em certas circunstâncias, há mais vantagem no anonimato, que é o caso dessa pesquisa, a criança não entende o que é uma pesquisa, então ela interpreta que é apenas uma brincadeira ou até mesmo uma tarefa de casa tal como a professora na escola passa para ela.

Como dito anteriormente, na pesquisa também se fez uso de entrevista, que de acordo com Goode e Hatt (1969, p. 237), consiste no desenvolvimento de precisão, focalização, fidedignidade e validade de um certo ato social como a conversação.

ANÁLISE DOS DADOS

Nas estratégias de leitura do gênero História em Quadrinhos os elementos verbais e não-verbais são identificados. Neste espaço, serão apresentadas as estratégias utilizadas antes, durante e depois da leitura dos quadrinhos.

ANTES DA LEITURA

Antes de pedir a criança para “ler” a HQ quis saber se ela sabia o que era o material que eu estava dando a ela, como ela chegou a essa conclusão e a opinião dela sobre o gênero HQ. As perguntas foram as seguintes:

- 1 - Que revista é essa?
- 2 - Como você sabe disso?
- 3 - Você gosta de ler essas historinhas? Por quê?
- 4 - Quem você acha que gostaria de ler essa história? Por quê?
- 5 - Por que se deve ler quadrinhos?

No caso dessa criança, ela é uma leitora emergente. Serafim apud Giasson (1996) afirma que leitor emergente é aquele que ainda não lê palavras, está em uma fase inicial da leitura, na qual ainda não se lê de forma autônoma: nesta fase, eles começam a entender as funções da escrita, se entregam ao prazer de escutar histórias e de reconhecer palavras em seu contexto, mas ainda não descobriram o princípio alfabético que os permite ler palavras novas.

Na pergunta 1 a criança respondeu “quadrinhos”. Na pergunta 2 ela respondeu que “ por causa dos quadradinhos e bonequinhos”. Na pergunta 3 ela disse que “ sim, porque é legal”, o que reforça as teses apresentadas nos capítulos anteriores sobre a influência dos quadrinhos na leitura para as crianças. Na pergunta 4 a criança respondeu “ a minha mãe, porque ela gosta de ler historinha pra mim”. Na pergunta 5 ela disse que é “para aprender a ler”, assim ela já reconhece que os quadrinhos podem auxiliá-la no processo de alfabetização.

“Importante também é uma pré-leitura pelo professor, indicando as crianças o que esperar da história, ou que prestem à atenção em algo específica, numa pós leitura depois da contação, é interessante perguntar ao grupo o que acharam dos personagens, que descrevam o lugar onde a história

acontece ou se gostaram do final. Pergunta mais específica desenvolvem a atenção a detalhes e a capacidade de relembrá-los, questões abertas sobre a história são boas para a discussão em sala e ajudam a criança a aprender a relacionar suas experiências particulares e de outras pessoas” (SOUZA, BERNADINO, 2011, p. 246).

Percebe-se que mesmo sem dominar a leitura, a criança conseguiu identificar o gênero HQ por já ter familiaridade com ele, por já ter visto outras revistas em quadrinhos.

DURANTE A LEITURA

A história em quadrinhos escolhida foi do personagem Chico Bento, da Turma da Mônica. A escolha se deve ao fato do personagem e do leitor serem meninos e assim haver uma maior identificação. Além disso, Chico Bento é um personagem popular e querido pelo público infantil. O tema da HQ é escola, esse tema foi escolhido por ser um espaço que faz parte da rotina da criança, para a criança ter interesse em ler algo, é importante que haja uma identificação com a proposta da HQ.

A história escolhida tem o título “Escola pra quê?”. Na HQ o personagem Chico Bento reclama ao amigo Zé da Roça que a professora passa muita lição para eles fazerem em casa e que um dia ele pensa em deixar a escola por causa disso. No caminho para casa, Chico encontra um menino analfabeto, que lhe pergunta onde fica a vila, mesmo tendo uma placa ao dizendo onde fica. Na conversa o menino conta que nunca frequentou a escola e Chico fica com inveja, pois também gostaria de ser livre da escola. Porém, no decorrer da história, Chico vê as dificuldades do menino que não sabe ler placas, nem calcular o quilo da batata e depende de outras pessoas que sabem ler e escrever para ajudá-lo. Então, ele decide levar o menino à escola e ele realiza a matrícula. No final, Chico fica cada vez mais aplicado nos estudos e conclui a HQ com o seguinte pensamento: “Minha felicidade só vai ser completa no dia em que todas as crianças do Brasil tiverem escola pra ir, no dia em que todas elas souberem ler e puderem entender as historinhas do meu gibi”. Uma história com final bonito, que mostra à criança a importância de saber ler e escrever e o papel da escola nesse processo. Esse foi mais um motivo para a escolha dessa HQ especificamente.

Como a criança do estudo de caso dessa pesquisa ainda não sabe ler, não podíamos pedir para ela ler e contar o que entendeu. A criança seguiu as próprias pistas contidas nos desenhos. Na primeira página ela conseguiu

identificar que Chico Bento conversava com o amigo (Zé da Roça) e que Chico estava aborrecido com alguma coisa (como dito anteriormente, com o fato da professora ter passado muita lição de casa, mas isso a criança não conseguiu identificar). Depois ela identificou que Chico estava com um novo amigo de camisa vermelha e que estavam indo a um mercadinho. Ela afirmou que era um mercadinho porque o menino de camisa vermelha deu dinheiro ao vendedor e o mesmo colocou batatas na balança e depois em uma sacola. A criança também conseguiu identificar que Chico e o menino de camisa vermelha foram à escola, por causa dos desenhos da lousa, mesa, carteiras e professora. No final ela disse que Chico estava estudando ao ver desenhos de livros e cadernos na mesa e deduziu que Chico estava indo novamente à escola, mas dessa vez não estava com raiva, por causa das expressões faciais dos personagens, ainda que ela não entenda o que está escrito no balão.

Foram feitas as seguintes perguntas:

6 - Onde está o título do texto?

7 - Quem é o personagem principal da História?

8 - Quem são os outros personagens?

Na pergunta 6 a criança conseguiu identificar o título do texto e justificou que o título “ tem letras grandes, uma outra cor e não tá no balão”. Na pergunta 7 ela disse que era o Chico Bento porque “ é ele que aparece mais vezes na historinha”. Já na pergunta 8 disse que era “ os dois amigos do Chico, o que aparece no começo e no fim (Zé da Roça) e o de camisa vermelha (o menino analfabeto que não tem nome na historinha)”. Perguntas que a criança conseguiu responder sem dificuldade.

DEPOIS DA LEITURA

Após a leitura da história completa, ou melhor, da interpretação dos desenhos feita pela criança, foi pedido que ela falasse o que ela entendeu da história. Ela resumiu contando que no começo Chico conversou chateado com o amigo e no caminho para casa encontrou outro amigo e os dois foram ao mercadinho comprar batatas e depois foram à escola. No final Chico e os dois amigos vão à escola, todos felizes. Isso foi o que a criança conseguiu entender da história apenas com as ilustrações e expressões dos personagens.

Para desenvolver a competência genérica na prática de leitura de

crianças não alfabetizadas, não basta colocá-las frente aos diversos gêneros discursivos que circulam nos meios sociais. É preciso que o professor satisfaça as curiosidades da criança sobre esses gêneros e intervenha sistematicamente ajudando a criança a organizar suas hipóteses de leitura. (CARVALHO, OLIVEIRA, 2011, p. 6)

O contato com histórias em quadrinhos através do educador ou dos pais é importante para a criança que está aprendendo a ler. Mesmo que não saiba as palavras, o simples fato de ouvir uma história já contribui para que a criança consiga desenvolver uma narrativa oral, como foi o caso da criança dessa pesquisa. GIRARDELLO (1989) fala sobre isso:

É ouvindo histórias (lidas e também contadas livremente, inspiradas na literatura ou na experiência vivida) e vendo ouvidas as suas próprias histórias que as crianças aprendem desde muito cedo a tecer narrativamente sua experiência, e ao fazê-lo vão se constituindo como sujeitos culturais. Na entrega ao presente do jogo narrativo no âmbito da educação infantil, professoras e crianças ampliam um espaço simbólico comum, pleno de imagens e das reverberações corporais e culturais de suas vozes. Tornam-se seres narrados e seres narrantes, com todas as implicações favoráveis disso para a vida pessoal, social e cultural de cada um e do grupo. (GIRARDELLO, 1989, p.10)

A criança que ainda não sabe ler convencionalmente pode fazê-lo por meio da escuta da leitura do professor, ainda que não possa decifrar todas e cada uma das palavras. Ouvir um texto já é uma forma de leitura. Também perguntamos à criança o que ela acha da escola dela já que o tema da historinha era esse. “Gosto da minha escola porque lá eu estudo e brinco com meus amigos”, foi a resposta. Para Palacios (1995), a escola é, junto com a família, a instituição social que maiores repercussões tem para a criança. A escola não só intervém na transmissão do saber científico organizado culturalmente como influi em todos os aspectos relativos aos processos de socialização e individuação da criança. A resposta do menino reforça essa ideia.

O ato de recontar histórias, como foi feito pela criança objeto de estudo dessa pesquisa, também traz benefícios durante a alfabetização, como afirma Rcnai (1998):

Recontar histórias é outra atividade que pode ser desenvolvida pelas crianças. Elas podem contar histórias conhecidas com a ajuda do professor, reconstruindo o texto original à sua maneira. Para isso podem apoiar-se nas ilustrações e na versão lida. Nessas condições, cabe ao professor promover situações para que as crianças compreendam as relações entre o que se fala o texto escrito e a imagem. O professor lê a história, as crianças escutam, observam as gravuras e, frequentemente, depois de algumas leituras, já conseguem recontar a história, utilizando algumas expressões e palavras ouvidas na voz do professor. Nesse sentido, é importante ler as histórias tal qual está escrita, imprimindo ritmo à narrativa e dando à criança a ideia de que ler significa atribuir significado ao texto e compreendê-lo. (RCNEI, 1998, p.144)

A história permite o contato das crianças com o uso real da escrita, leva-as a conhecerem novas palavras, a discutirem valores como o amor, família e trabalho, e a usarem a imaginação, desenvolvem a oralidade, a criatividade e o pensamento crítico, auxiliam na construção da identidade do educando, seja esta pessoal ou cultural, melhoram seus relacionamentos afetivos interpessoais e abrem espaço para novas aprendizagens nas diversas disciplinas escolares, pelo seu caráter motivador sobre a criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os quadrinhos são uma boa ferramenta de despertar a atenção do leitor e facilitar a compreensão por um determinado assunto. Nos quadrinhos, é de suma importância a análise descritiva da linguagem visual para nortear e ajudar o leitor no processo de entendimento e leitura visual das imagens. Seja qual for o tipo de quadrinho utilizado, a linguagem utilizada é simples e traz uma mensagem ao receptor, seja para refletir ou simplesmente como forma de entretenimento. Não importa o leitor, o quadrinho é acessível a qualquer público.

Os educadores se convenceram que os quadrinhos auxiliam no aprendizado, sendo uma forma acessível e didática de transmitir o conteúdo, seja ele de uma disciplina da área de humanas ou exatas. É essencial que o professor veja os quadrinhos com a mesma importância de exercícios comuns, não apenas como uma ferramenta para “descanso” ou “mudar a rotina” da aula. Como todo plano de aula, trabalhar com quadrinhos envolve

planejamento para que no final os objetivos sejam alcançados.

Além de proporcionar um momento de lazer, as revistas em quadrinhos ajudam a estimular a criatividade da criança e a desenvolver seu vocabulário. As crianças que desde cedo são estimuladas a ler histórias em quadrinhos terão mais chances de ter a leitura como hobby. Os gibis, como são popularmente conhecidas as revistas em quadrinhos, também são ótimos aliados em sala de aula, tornando as aulas mais divertidas e dinâmicas.

Os quadrinhos promovem um maior interesse da criança pela leitura, mesmo aquelas que ainda não dominam essa prática. O formato, os desenhos, as cores e a linguagem simples são elementos que atraem o público infantil e auxiliam no processo de alfabetização. Os quadrinhos são tão presentes no cotidiano das crianças que mesmo aquelas que não sabem ler conseguem identificar o gênero por causa desses elementos.

As HQs são boas ferramentas para as crianças que já sabem ler e aquelas que também não sabem ler. Estimulam o pensamento, a criatividade, a linguagem oral e escrita. Sabendo explorar de forma correta, os resultados são satisfatórios. No caso das crianças que não sabem ler, elas conseguem compreender a HQ, ainda que de forma não completa, por meio das expressões dos personagens e dos desenhos de objetos que permitem a criança identificar em qual local se passa a história, por exemplo e se o personagem está alegre ou triste.

Nem todo professor sabe explorar as estratégias de leitura de forma eficaz em sala, entretanto, tais estratégias se mostram satisfatórias no processo de alfabetização, ao formar leitores que sabem ler e interpretar textos e, principalmente, ter prazer em ler. Por isso, essas estratégias devem ser mais exploradas em sala de aula, tanto em crianças que sabem ler como em crianças que não sabem ler, pois ambos são capazes de dar significado ao texto. Devem ser adotadas estratégias para antes, durante e após a leitura.

Geralmente uma história em quadrinho possui texto e imagem. Todas possuem imagens, entretanto, nem todas possuem texto, o que reflete a influência das imagens nesse tipo de leitura, ainda que seja apenas uma leitura visual. Mesmo sem texto, um quadrinho “mudo” é capaz de fazer o leitor compreender a história que está ali. Além de despertar a atenção, as imagens tornam a leitura mais leve e prazerosa e, conseqüentemente, o professor que as utiliza de forma eficaz também terá uma aula com as mesmas qualidades.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Ana Maria Pessoa de; GIL-PÉREZ, Daniel. *Formação de professores de ciências: tendências e inovações / Revisão técnica de Ana Maria Pessoa de Carvalho*. São Paulo: Cortez, 2011.

CARVALHO, Ana Maria Pessoa de; VANNUCCHI, Andrea Infantosi; BARROS, Marcelo Alves. *Ciências no ensino fundamental: o conhecimento físico*. São Paulo: Scipione, 1998.

GIRARDELLO, Gilka (Org.). *Baús e chaves da narração de histórias*. Florianópolis: SESC/SC, 2006.

RAMOS, Paulo. *Tiras cômicas e piadas: duas leituras, um efeito de humor*. Tese Doutorado em Letras. Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa. Faculdade de Filosofia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

_____. *Histórias em quadrinhos: gênero ou hipergênero?* In: *Estudos Linguísticos*. São Paulo, p. 355-367, set-dez 2009.

_____. *História em quadrinhos: um novo objetivo de estudos*. São Paulo, 2006.

SOUZA, Linete Oliveira de; BERNARDINO, Andreza Dalla. *A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental*. In: *Revista Educere et Educare*. Vol. 6, jul. dez. 2011

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. *Quadrinhos na educação: da rejeição à prática*. São Paulo: Contexto, 2009.

VERGUEIRO, Waldomiro. *Uso das histórias em quadrinhos em sala de aula: uma alfabetização necessária*. In: RAMA, Ângela; VERGUEIRO, Waldomiro (Orgs.). *Como usar as histórias em quadrinhos em sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2004.